

A SIGNIFICÂNCIA DO CASAMENTO PARA A MULHER EM “A HISTÓRIA DE UMA HORA”

Giovane Alves de Souza

Mestre em literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Conceito CAPES 4. Graduado em Letras com habilitação em Língua Inglesa pela mesma instituição. E-mail: giovane.oficial@hotmail.com.

José Vilian Mangueira

Possui graduação em Letras - habilitação em Língua Inglesa - pela Universidade Federal da Paraíba (2004), graduação em Letras - habilitação em Língua Portuguesa - pela Universidade Federal da Paraíba (1999). Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2003) e Doutorado em letras também pela Universidade Federal da Paraíba (2012). Foi professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. E atualmente trabalha como Professor Titular na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. E-mail: vilian_mangueira@yahoo.com.

Resumo

Este trabalho investiga a posição do sujeito feminino no casamento em “A história de uma hora”, conto de Kate Chopin, uma vez que a narrativa reflete os significados apresentados na realidade da instituição do casamento para as mulheres americanas do século XIX, expondo uma representação do funcionamento da sociedade em questão, de acordo com o que se esperava da mulher. Inicialmente, propomos uma análise da delimitação das funções dos sexos elencadas pela sociedade greco-romana à luz de Foucault, e as sua influência na sociedade ocidental contemporânea, indo até os pensamentos de Virginia Woolf sobre a mulher e literatura, e, em diante, atentaremos, também, para as contribuições teóricas de Judith Butler. Com isso, objetivamos realçar os sentimentos da protagonista da história no decorrer

da narrativa, desde o momento em que ela recebe a notícia da morte de seu marido, até quando lhe é explicitado que ele, na verdade, não chegou a falecer. Ademais, atentaremos para os sentimentos expressados pela protagonista da história quando ela se vê fora da relação marital, uma vez que tal fator traz a sua carga de influência para os acontecimentos do conto. Por fim, buscaremos compreender as configurações do relacionamento entre marido e mulher na trama, e a significância deste relacionamento para ambos, principalmente para a mulher, bem como trazer possíveis interpretações sobre os acontecimentos que permeiam a história em questão de acordo com os sentimentos expressados pela protagonista. Nosso referencial teórico-metodológico será Foucault (2007), Woolf (2014) e Butler (2016).

Palavras-chave: Mulher, Casamento, Kate Chopin.

Introdução

Ao longo da história, estabeleceram-se preceitos referentes ao posicionamento do sujeito na sociedade, que constituíram o lugar de pertencimento dos indivíduos de ambos os sexos. Tais preceitos abrangem as funções destes indivíduos no espaço público e privado, como no casamento, por exemplo, instituição na qual se refletem questões como quem deve cuidar da casa, quem deve sair para trabalhar, e a quem é instituída a educação e os cuidados sobre os filhos.

Para Butler (2016), a noiva tem a função de relacionar os mais diversos grupos de homens, posto que ela não possui uma identidade própria, mas sim, *reflete* a identidade do sujeito masculino (Cf. BUTLER, 2016, p. 77). Posteriormente, como esposas, elas não somente asseguram a reprodução dos nomes, como também permitem o intercuro entre estes “clãs de homens” (Cf. BUTLER, 2016, p. 77). Deste modo, fica evidente o funcionamento da instituição do casamento para homens e mulheres, no que compete aos seus respectivos papéis.

Esta constante não somente se apresenta na sociedade, como também na literatura, posto que a arte consegue, por vezes, representar a realidade em que vivemos, explorando os relacionamentos humanos e a maneira como nos comportamos em sociedade ao decorrer da história, de modo que se evidencia a moral, os costumes e preceitos dos indivíduos em diferentes épocas. Sobre esse papel da literatura, em *Literatura e sociedade*, Antonio Candido chama atenção para o fato de a obra de arte possuir uma forte ligação com o contexto social, cultural e histórico em que ela foi produzida. Para que a obra seja melhor entendida, numa leitura que busca relacionar os fatores externos com os fatores internos, é necessário, segundo o estudioso, se fazer uma “interpretação dialeticamente íntegra” (Candido, 2000, p. 4), fundindo texto e contexto. Ainda sobre esse aspecto da construção literária, Ruth Silviano Brandão assim se posiciona:

Há um diálogo de textos e leituras que nos permitem considerar a literatura como uma produção simbólica, cultural, que não existe só no registro imaginário do autor. Ela pode-se conceber como um grande corpo estruturado, dentro e fora de uma mesma sociedade ou nacionalidade. Aqui o conceito de autoria é

pensado de diversa maneira, pois não se conta apenas o discurso exclusivo do autor. Este se insere em outro lugar e dialoga sem cessar com outros discursos, mesmo que isso se faça de forma inconsciente (2006, p. 29).

Posto isso, objetivamos analisar o posicionamento do sujeito feminino no casamento em “A história de uma hora”, conto da escritora Kate Chopin, de modo que nos seja viável analisar o relacionamento entre marido e esposa e possíveis interpretações acerca dos acontecimentos da trama, levando em consideração, ainda, o período em que a obra foi lançada e a significância da instituição do casamento para a personagem feminina. Para tal, iniciamos o nosso trabalho tratando do lugar de pertencimento da mulher na sociedade ocidental ao longo da história; e, posteriormente, partimos para a análise do conto em questão.

A mulher e o seu lugar de pertencimento: referencial teórico

Em *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, Foucault atenta para o funcionamento do relacionamento entre homem e mulher no casamento na Grécia Antiga e a sua influência na sociedade ocidental contemporânea. O estudioso evidencia a posição de cada um dos indivíduos nesta instituição, de modo que o homem se torna responsável por trabalhar e manter a ordem familiar, e a mulher preocupa-se em preservar o equilíbrio da casa.

As configurações do casamento na cultura greco-romana na Antiguidade foram moldadas de acordo com a cultura operante da época, ou seja, preceitos e crenças que fomentaram os pilares daquela sociedade. Com isso, Foucault evidencia que, para que cada qual pudesse exercer a sua função com excelência, homens e mulheres deveriam trabalhar em conjunto, unindo as habilidades dadas a eles pelos deuses. Dos homens, por exemplo, exaltavam-se os traços físicos, tais como a força, a habilidade de suportar o frio, calor, longas caminhadas, atentando para a sua facilidade em lidar com o “ar livre” (Cf. FOUCAULT, 2007, p. 142); já as mulheres, resignadas a trabalhar “abrigadas”, preocupavam-se em rezear os gastos e a lidar com as provisões do lar (Cf. FOUCAULT, 2007, p. 142). Nas palavras do estudioso:

Em suma, a “divindade adaptou, desde o início, a natureza da mulher aos trabalhos e aos cuidados do interior, e a do homem àqueles do exterior”. Mas ela os armou também de qualidades comuns: posto que tanto o homem como a mulher, cada um no seu papel, têm “a dar e receber”, posto que, em sua atividade como responsáveis pela casa eles têm, ao mesmo tempo, que recolher e distribuir, receberam igualmente a memória e a atenção (FOUCAULT, 2007, p. 142).

Com isso, o teórico chama atenção para a maneira como as funções do sexo no casamento foram institucionalizadas, delimitando, deste modo, a função de cada um dos indivíduos de acordo com o seu sexo, no espaço do lar. Deste modo, o teórico evidencia que “cada um dos dois cônjugues têm uma natureza, uma forma de atividade” (FOUCAULT, 2007, p. 142), de modo que o uso de seus dons, atuando de forma concomitante, colaborariam para a edificação de um casamento equilibrado e para a manutenção do lar.

A influência de tais preceitos, contudo, colaborou para a perpetuação de uma vivência dissemelhante entre os sexos. Butler (2016), em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, afirma que algumas das explicações advindas dos estudos psicanalíticos argumentam que a feminilidade é baseada na exclusão do que seria o masculino, posto que o masculino é uma “parte” da composição psíquica bissexual dos indivíduos (Cf. BUTLER, 2016, p. 101). Posto isso, a teórica realça que

[...] a coexistência desse binário, e então intercedem o recalçamento e a exclusão, para fabricar, a partir dele, identidades de gênero distintas, com o resultado de que a identidade é sempre já inerente a uma disposição bissexual que, por meio do recalçamento, é separada em suas partes componentes (BUTLER, 2016, p. 101-102).

Assim, fica explicitado que tal ideia delimita a identidade do indivíduo feminino de acordo com uma suporta coexistência deste para com o indivíduo masculino, limitando a sua identidade e colocando-a em disposição de uma identidade já existente, que a destina a um espaço reservado à sua identidade.

Com isso, no decorrer da História, as oportunidades para homens e mulheres se deram de formas diferentes, uma vez que aquele dispunha

de mais liberdade para pôr em prática as suas vontades do que esta. Para exemplificar essa afirmativa, Virginia Woolf, em seu ensaio *Um teto todo seu* (1929), criou uma personagem chamada Judith, uma fictícia irmã de Shakespeare. Com ela, a escritora procurou demonstrar o que aconteceria com uma mulher tão talentosa quanto Shakespeare em uma sociedade patriarcal como a elisabetana:

O próprio Shakespeare frequentou, é provável – sua mãe era uma herdeira –, a escola, onde aprendeu latim, – Ovídio, Virgílio e Horácio – e os elementos da gramática e da lógica [...] Logo passou a trabalhar no teatro, tornando-se um ator de sucesso, e a viver no centro do universo, encontrando todo mundo, conhecendo todo mundo, praticando sua arte nos cartazes, exercitando as suas habilidades nas ruas, ganhando até mesmo acesso ao palácio da rainha. Enquanto isso, sua talentosa e extraordinária irmã, é de se supor, ficava em casa. Ela era tão aventureira, tão imaginativa, tão impaciente para conhecer o mundo quanto ele. Mas ela não frequentou a escola. Não teve a oportunidade de aprender a lógica e a gramática, que dirá de ler Horácio e Virgílio (WOOLF, 2014, p.70-71).

Woolf (2014) explica ainda que, mesmo pegando um livro ou outro (sendo eles de posse do seu irmão), logo ela seria interrompida pelos pais, e ela seria ordenada a coser ou fazer um guisado, de modo que ela tivesse que deixar de lado os livros e papéis (WOOLF, 2014, p. 71), não podendo, deste modo, explorar as suas habilidades artísticas. Tornando-se, por fim, uma mulher frustrada, Judith terminaria seus dias desonrada pela família, e morta em uma encruzilhada qualquer (*Ibidem*, p. 71). Segundo Virginia Woolf, esse seria o destino de uma mulher que resolvesse abandonar a vida pacata do interior para viajar para Londres, a fim de investir na escrita, como Shakespeare fez.

Deste modo, fica evidente que a vivência de homens e mulheres difere em diversos aspectos, tais como os apresentados acima, uma vez que são reservados espaços diferentes para ambos os sexos no cosmos social e no do lar. Posto isso, adiantamos que o casamento apresentado em “A história de uma hora” chama atenção para a delimitação destes espaços e, em vista disso, o casamento tem a sua diferente significância para a mulher, questão essa a que será analisada na seção a seguir.

A significância do casamento para o feminino em *A história de uma hora*: resultados e discussão

Embora os contos de Kate Chopin pareçam não tratar com grande destaque da mulher que busca se emancipar, ela aparece com toda sua força no romance *O Despertar*. Mas não se pode negar, todavia, que certos contos da escritora, mesmo aqueles de seu primeiro livro, trazem a temática da mulher à procura de uma independência. Essa emancipação é, comumente, identificada na tentativa da mulher deixar seu papel de submissão para iniciar uma nova vida longe da figura do marido. São exemplos dessa faceta feminista em Chopin os contos “A história de uma hora”, “Madame Célestin’s divorce”, “Athénaïse” e “In Sabine”, além do emblemático romance *O Despertar*. Os textos de Chopin que focalizam a mulher apontam para a vontade do feminino de autorrealização em áreas que se tencionaram com aspectos institucionalizados pelo patriarcado, como, por exemplo, no espaço criado pela instituição do casamento.

Dentre as obras da escritora que focalizam o tema casamento, é possível identificar dois tipos de mulheres. Uma que se vê perfeitamente inserida na instituição casamento, como o caso da personagem Adèle Ratignolle, do romance *O Despertar*; e outra que se sente descontextualizada dentro desta instituição, como exemplo máximo desta temos a protagonista do mesmo romance, Edna Pontellier. Ora, em se tratando do conto em análise, temos uma mulher inserida no casamento, vivendo uma existência dentro da normalidade, mas que, tendo a chance de se ver livre dele, demonstra não estar satisfeita com o que a instituição lhe oferece.

O conto, como bem afirmam os críticos da obra da escritora, é construído sob ironia. Isso se dá desde seu título – que mostra a vida da personagem resumida em uma hora de felicidade – até o diagnóstico do médico, na última linha da narrativa – que vê a morte de Louise como fruto da alegria de rever o marido, quando, na verdade, a morte parece ser causada por um sentimento oposto, fruto do curto período em que a protagonista pensava sobre a vida.

Diante do reconhecimento de que a morte do marido lhe traria uma nova existência, Louise Mallard pode enxergar para si uma vida que pertencia a si própria. Sabendo que ela vislumbra novidades positivas para sua viuvez, é possível afirmar, em um jogo de opostos,

que seu estado anterior, o de casada, se resumia a uma existência de entrega e abandono. Além disso, o casamento ainda é para esta mulher uma instituição que é regida pela figura masculina, fazendo com que a mulher nada mais fosse do que um reflexo daquele. Isso fica óbvio nas seguintes passagens: “Não haveria ninguém para viver por ela” e “Não haveria uma vontade poderosa dobrando a sua [vontade]” (CHOPIN, 1993, p. 353).

Esta parte da narrativa é responsável por trazer para o leitor uma definição do que vinha a ser a instituição do casamento segundo a visão da protagonista: “a persistência cega com a qual homens e mulheres acreditam ter o direito de impor uma vontade particular sobre o outro companheiro” (CHOPIN, 1993, p. 353). Embora o pensamento da personagem mostre que tanto o homem quanto a mulher impõem sobre o outro as suas vontades, temos que levar em conta o fato de que o texto foi escrito em um momento histórico-cultural totalmente regido pela ordem patriarcal, o que confere à mulher uma posição inferior diante das vontades do homem. No processo de reconhecimento da instituição do casamento, a personagem vai, aos poucos, assumindo uma nova personalidade, que se distancia da mulher passiva e submissa que ela mostrava ser anteriormente. A narrativa aponta essa mudança quando a protagonista deixa de ser chamada pelo sobrenome do marido, Mrs. Mallard, e passa a ser referida pelo seu verdadeiro nome, Louise. É como se, no processo de reconhecimento da liberdade, a personagem assumisse sua identidade primeira e anterior ao estado de casada.

Tal fator se dá através da noção de que, dentro da instituição do casamento, a mulher não tem espaço para reproduzir uma identidade própria, uma vez que cabe a ela reforçar a identidade do seu marido. Segundo Butler (2016), quando esposas, as mulheres não somente asseguram a reprodução do nome dos seus respectivos maridos, como também viabilizam o que seria um intercurso “simbólico” entre os clãs de homens (Cf. BUTLER, 2016, p. 77), o que resulta numa exclusão de sua própria identidade, a fim de arcar com a manutenção da identidade dos seus maridos. Assim, durante a narrativa, Mrs. Mallard se encontra em um momento de autodescobrimento com a notícia da morte de seu marido, e é possível presenciar a mudança na maneira como o narrador passa a tratá-la: ao invés de chamá-la de Mrs. Mallard, ela agora atende pelo seu primeiro nome, ou seja, não cabe mais a ela

reproduzir a identidade de seu marido, uma vez que ele morreu, mas sim, fazer, finalmente, uso da sua própria.

Assim, a personagem entra em contato consigo mesma, e tudo à sua volta parece refletir o lado bom de sua nova vida. Por esse motivo, ela passa a notar o mundo ao seu redor, e passa a enxergar as coisas em um aspecto positivo, como a relação desse processo com “a renovação da primavera” (CHOPIN, 2011, p. 80), estação do ano caracterizada pelo nascimento das flores, como se Louise estivesse, finalmente, “renascendo” para o mundo que lhe espera. Além disso, ela expressa sensações referentes aos sentidos do corpo humano, como o “cheiro gostoso da chuva” (CHOPIN, 2011, p. 80), que remete ao olfato; assim como a pessoa que expelia “notas distantes” (CHOPIN, 2011, p. 80) de uma canção, referindo-se à audição, ou até mesmo os “pedaços do céu azul aparecendo aqui e ali” (CHOPIN, 2011, p. 80), que remetem à visão. Com isso, é como se a personagem finalmente se compreende como ser vivo, e passasse a explorar todos os sentidos do seu corpo, que antes não havia tido a oportunidade de usar.

Louise passa, então, a beber do “próprio elixir da vida” (CHOPIN, 2011, p. 81), de modo que ela passa ganhar uma nova perspectiva sobre a vida e o tempo que ela ainda tem para aproveitar, uma vez que ela não precisará mais viver para ninguém além de si mesma. E esse processo influenciou até no seu próprio jeito de andar, como se a mesma fosse uma “deusa da Vitória” (CHOPIN, 2011, p. 81), como é dito no texto, simbolizando, assim, a conquista que seria para ela finalmente viver uma vida plena na qual apenas as suas próprias vontades importariam.

Voltando à maneira como a instituição casamento é analisada, o narrador focaliza o sentimento que Louise nutria pelo esposo: “e ainda ela o tinha amado – algumas vezes. Na maioria das vezes não o tinha” (CHOPIN, 1993, p. 353). Em uma atitude antirromântica, atitude típica do momento literário em que escrevia Chopin, a personagem reconhece que, maior do que o sentimento ou maior do que ele significa, lhe é superior a liberdade e a vida própria que ela está prestes a experimentar.

Levando em conta o contexto em que escrevia Kate Chopin, para uma mulher ter condições de viver livremente sem a companhia de um homem e ainda manter uma postura digna de respeito, o estado de viuvez parece ser a forma mais apropriada – assim a mulher tomaria o controle de sua vida. É por isso que Louise Mallard parece sentir-se

tão bem depois de saber que o marido morreu. Em uma de suas últimas falas, antes de abrir a porta para a irmã, ela demonstra que perder o marido significa ganhar uma liberdade completa: “Livre! Corpo e alma livres” (CHOPIN, 1993, p. 354).

Mas a alegria de Mrs Mallard dura pouco. Ela é fulminada pela presença do marido, que, como parece ter acontecido até agora, mata o seu desejo de viver. Se antes a morte era simbólica, uma vez que a personagens diz não viver completamente devido ao poder que a figura do marido exerce sobre ela, agora a presença dele vem para acabar de vez com todos os sonhos que ela criou para si. Da leitura do conto fica a certeza de que a figura da mulher é apagada dentro da instituição casamento, graças à presença do homem.

Considerações finais

Após a análise de “A história de uma hora”, é possível afirmar, perante o recorte temporal do conto, que a narrativa traz à tona algumas das configurações do casamento e o que significa viver nesta instituição para o sujeito feminino. Além de observar questões referentes ao casamento, foi possível entender o funcionamento desta instituição no século XIX, uma vez que, na época em questão, a vivência da mulher era ainda mais dificultada pelo domínio do patriarcado sobre aquela sociedade.

Posto isso, acreditamos que as contribuições teóricas de Butler, Woolf e Foucault nos foram de grande valia no processo de interpretação dos aspectos textuais dessa produção de Kate Chopin, de modo que nos foi possível compreender aspectos culturais da sociedade ocidental durante o decorrer dos séculos, bem como a sua influência na arte, principalmente na literatura. E, deste modo, foi possível que nós pudéssemos estudar os espaços destinados ao sujeito feminino na sociedade, principalmente no casamento.

Assim, acreditamos que a literatura seja uma ferramenta de grande importância no processo de entendimento da sociedade em que vivemos, bem como o seu funcionamento em determinados períodos da história, posto que ela consegue retratar as mais diversas características do comportamento humano, nos permitindo estudá-los, compreendê-los, e fazer críticas a estes comportamentos, arcando, deste modo, com um maior entendimento não somente da arte, como também de nós mesmos.

Referências

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Mulher ao pé da letra**: a personagem feminina na literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000.

CHOPIN, Kate. “A história de uma hora”. In: VIÉGAS-FARIA, Beatriz; CARDOSO, Betina Mariante; BROSE, Elizabeth (Org.). **Kate Chopin**: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011, p. 79 – 82.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 18. ed. São Paulo: Graal, 2007.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Souza. 1 ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.